



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDREA KALINE MOREIRA MENDONÇA

**AS INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL DE UM (CREI) EM JOÃO PESSOA**

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Ana Luisa Nogueira de Amorim

JOÃO PESSOA – PB
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDREA KALINE MOREIRA MENDONÇA

**AS INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL (CREI) DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Luisa de Nogueira de
Amorim

JOÃO PESSOA – PB

2017

M539i Mendonça, Andrea Kaline Moreira.

As interações entre professores e crianças na educação infantil (CREI) de João Pessoa / Andrea Kaline Moreira Mendonça. – João Pessoa: UFPB, 2017.

51f. : il.

Orientadora: Ana Luisa Nogueira de Amorim
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Interação professor-aluno. 2. Educação infantil. 3. Educador.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.06(043.2)

ANDREA KALINE MOREIRA MENDONÇA

**AS INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E CRIANÇAS DE
(CREI) EM JOÃO PESSOA**

APROVADO EM: 29/11/2017

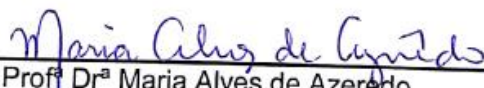
BANCA EXAMINADORA



Profª Draª Ana Luisa Nogueira de Amorim – UFPB
(Orientadora)



Profª Drª Fabiola Tavares Barrocos
(Banca Examinadora)



Profª Drª Maria Alves de Azeredo
(Banca Examinadora)

JOÃO PESSOA – PB

2017

AGRADECIMENTOS

Todo o meu agradecimento primeiramente ao meu senhor e salvador Jesus Cristo, que, me deu saúde e força para enfrentar todas as dificuldades encontradas nesse percurso da minha vida, mas que foi muito gratificante.

Agradeço aos meus filhos Lucas Anderson Moreira e a Laura Emilia Moreira Mendonça, meus tesouros que papai do céu me deu, amo incondicionalmente, enfrentei essa universidade não só por mim mais por vocês também. Para que esse exemplo fique para vocês, estudar não tem idade, no entanto aproveitem a juventude e corram atrás de seus sonhos, como eu corri atrás do meu.

Um agradecimento em especial ao meu esposo, Luciano da Silva Mendonça, por todo amor e carinho que ele sempre me dedicou, e por segurar toda a barra sozinho, e sempre me incentivando, estando sempre do meu lado literalmente, até na hora da construção desse trabalho.

Agradeço a minhas irmãs Aline Cibelli Moreira da Silva, e a Adriana Gonçalves dos Santos, por todo o amor de vocês, para com a minha pessoa e por fazer acreditar que eu seria capaz.

Agradeço a minha guerreira, a mulher que mais amo nesse mundo a minha mãe, Edmê Gonçalves Moreira, por sempre estar do meu lado em todas as horas, te amo mãe você é o meu alicerce.

Agradeço a minha cunhada Solange da Silva Mendonça, uma irmã que Deus me deu, e que sempre acreditou no meu potencial.

Meus sinceros agradecimentos as minhas amigas de longas jornadas, Deise Dalto dos Santos, Evanita Rathge, Elizabeth Souto de Carvalho e Maria Elizabete Moreira, meninas foi muito bom passar esses anos com vocês, obrigado por todo o incentivo, por não deixar desistir, pelo carinho, por puxar minha orelha quando foi preciso, afinal amigas também é para isso, quero levar vocês comigo por resto de minha vida espero que nossa amizade perdure por muito tempo, que mesmo se a vida levar vocês para outros rumos diferentes, mas que não nos esqueçamos nunca uma da outra o que vivenciamos e passamos juntas na Universidade, os momentos de choro de estresse a cada prova e trabalho para ser entregue e a cada final de período. Enfim tudo isso irá ficar eternizado em minha vida. Amo vocês.

Meus agradecimentos a minha orientadora Dr. Ana Luisa de Amorim, obrigado por ter aceito meu convite prontamente, por ter tido toda a paciência, e carinho, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Dedico esse trabalho aos meus filhos e esposo que, sempre me deram apoio me incentivaram e aguentaram todo o meu estresse ao longo dessa jornada, sem o apoio de vocês e de Deus, eu não teria conseguido chegar até aqui.

“Como eu vou saber da terra,
Se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
Sem aprender a gostar?
Quero ver com os meus olhos,
Quero a vida até o fundo.
Quero ter barro nos pés,
Eu quero aprender o mundo!”

Pedro Bandeira

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso foi construído tendo como objetivo geral analisar a interação dos professores e crianças em um Centro de Referência em Educação Infantil. Diante desse objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa que teve como campo um CREI. Utilizei como fonte de pesquisa um diário de campo, no qual foi anotado minhas observações no âmbito da instituição. Os dados coletados foram analisados através das observações, bem como os estudos realizados para compreender o nosso tema. Para a elaboração do capítulo dois (02), uma breve história da Educação Infantil, utilizamos como principais fontes teóricas, Paschoal e Machado (2009), Kuhlmann Jr. (2000), Constituição federal (BRASIL, 1988), RCNEI (BRASIL, 1998), Lei de Diretrizes e Bases (1996). No capítulo três (03), a importância da interação da criança com o educador no âmbito de uma instituição infantil; os principais teóricos abordados foram Vygotsky (1996), Aranha (1993). Por sua vez, essa pesquisa não é só reconhecer a criança como sujeito do processo educacional, mas como principal usuário do ambiente educacional. Os resultados aqui obtidos, apontam que as instituições infantis no Brasil passaram por muitas mudanças, em suas funções, hoje a Educação Infantil atende em sua prática pedagógica o cuidar e educar, que devem ser associados ao desenvolvimento da criança de zero a cinco anos de idade. Apesar de todas dificuldades citadas, nos deparamos com inúmeros projetos, parceiras e professores que utilizam da criatividade para repassar os conhecimentos de que as crianças precisam. Porém questões estruturais dificultam a atuação dos docentes, tendo que fazer dois ou mais papéis dentro da instituição.

Palavras-chave: Interação. Criança. Educadores.

ABSTRACT

This work was completed with the general objective of analyzing the interaction of teachers and children in a Reference Center on Early Childhood Education. In view of this objective, a qualitative research was carried out that had as a field a CREI. I used as a research source a field diary, in which my observations were noted within the institution. The data collected were analyzed through the observations, as well as the studies carried out to understand our theme. For the elaboration of chapter two (02), a brief history of Infant Education, we use as main theoretical sources, Paschoal and Machado (2009), Kuhlmann Jr. (2000), Federal Constitution (BRAZIL, 1988), RCNEI), Guidelines and Bases Law (1996). In chapter three (03), the importance of the child's interaction with the educator within a child institution; the main theorists addressed were Vygotsky (1996), Aranha (1993). In turn, this research is not only to recognize the child as the subject of the educational processor, but as the main user of the educational environment. The results obtained here indicate that children's institutions in Brazil have undergone many changes, in their functions, today Infantile Education attends in its pedagogical practice the care and education that must be associated to the development of the child from zero to five years of age . Despite all the difficulties mentioned, we are faced with countless projects, partners and teachers that use creativity to pass on the knowledge that children need. However, structural issues make it difficult for teachers to act, having to do two or more roles within the institution.

Keywords: Interaction. Child. Educator

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
3. A IMPORTANCIA DA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM O EDUCADOR NO AMBITO DE UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	22
4. PERCURSO METODOLÓGICO	29
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	30
5.1. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	30
5.2. CARACETIZAÇÃO E HISTÓRIA DO CREI	30
5.3. FUNÇÕES SOCIAIS DO CREI.....	32
5.3.1. Atividades do cotidiano das crianças do CREI	34
5.3.2. Quadro de funcionários.....	34
5.3.3. Número de crianças por turma e outros dados que identificam a unidade escolar	35
5.4. PERFIL DA EQUIPE PEDAGÓGICA.....	37
5.4.1. Análise das visitas	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tem como tema: A interação entre professor e criança na Educação Infantil. O foco dessa pesquisa é discutir como se dá na prática a interação entre professores e crianças da educação infantil, bem como entender um pouco desse cenário infantil no âmbito de uma instituição pública.

O tema escolhido para essa pesquisa partiu da observação direta realizada em estágio supervisionado em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI). Este possibilitou a realização das primeiras análises e do cotidiano e dos conhecimentos dos profissionais da área, bem como sua interação com as crianças, e de como se dava o acolhimento entre ambos no âmbito do CREI.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1999), afirma que o ambiente físico adequado é indispensável para a correta execução de um programa pedagógico, respeitando a qualidade e a quantidade da relação criança-criança, adulto-criança, enfatizando sempre a importância destas relações.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) /96, deixa claro que o ambiente físico deve ser organizado de acordo com as necessidades e as características dos grupos de crianças, levando-se em conta a cultura da infância e os diversos projetos e atividades que estão sendo desenvolvidos em conjunto com seus professores.

Porém a realidade nos mostra uma falta de regularidade entre o discurso da Lei, e o que é o cotidiano de muitas instituições da educação infantil. Assim, a partir dessas observações, temos as seguintes questões de pesquisa: será que essa interação, dentro das instituições da educação infantil existe, não só com seus pares, mas também com seus educadores? Em que momento essa interação acontece? E se ela acontece, de que forma se dá?

Destes questionamentos decorrem o como objetivo geral: analisar a interação dos professores e crianças em um CREI do município de João Pessoa. E como objetivos específicos: identificar os momentos onde se dá essa interação, e descrever a educação infantil, nos seus aspectos, metodológicos, legais e sociais.

Compreendendo, também, as concepções das profissionais a respeito da vivência pedagógica com as crianças.

Diante desses objetivos, realizamos uma pesquisa de campo, com o apoio de um diário de campo, no qual foi anotado as observações no âmbito da Instituição da Educação infantil.

Após a realização da pesquisa de campo, os dados coletados foram analisados, bem como os estudos realizados para compreender o nosso tema de pesquisa passam a compor este trabalho que está estruturado em cinco capítulos.

No segundo capítulo abordamos, um pouco como surgiu a primeira etapa da Educação Infantil, no âmbito das Instituições públicas, e seus avanços significativos. Dois fatores marcantes nesse avanço foram: a Revolução Industrial, que demandava cada dia mais mão de obra, surgindo assim, nesse contexto, a mão de obra feminina, por serem contratadas por um salário mais baixo. Por sua vez, com as mulheres fora de casa, surgiu a preocupação das mesmas deixarem seus filhos para trabalhar, isso fazia com as mulheres ficassem numa situação conflituosa, divididas entre o trabalho e a maternidade.

No terceiro capítulo abordamos a importância da interação da criança com o educador, no âmbito da instituição. No qual me baseei em alguns teóricos que defendem essa prática e sua importância na formação das crianças da Educação Infantil.

No quarto capítulo abordamos as análises dos dados que foram colhidos através de minha observação, em um CREI na cidade de João Pessoa, buscamos sempre relacionar a teórica com a prática.

O tema da presente pesquisa busca elementos que possam apontar as possíveis vinculações entre a interação professor– aluno, no contexto de educação infantil, buscando assim compreender a prática educativa a partir desse foco. Busca-se através das observações realizadas, entender a relação já existente entre as maneiras do educador (a) interagir com suas crianças.

2. CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente capítulo é uma breve análise de como era a Educação Infantil no âmbito das instituições públicas, bem como seus avanços significativos, quando a mesma passa a reconhecer a criança como cidadã e como sujeito de direito, reconhecendo inclusive o direito a educação de qualidade desde do nascimento.

Por sua vez a história nos mostra que existiam concepções diferentes sobre a infância. Primeiro, a criança era vista como um adulto em miniatura e como ser incapaz de se expressar, e sua educação e seus cuidados eram exclusivamente de suas famílias. Acreditava-se que, só por meio desse convívio, as crianças aprenderiam as normas e regras de sua cultura, bem como suas tradições. No entanto, não foi tão fácil fazer com que, tanto a sociedade quanto família, reconhecessem essas crianças como pessoas que pensam e que são capazes de se expressar, bem como são sujeitos de direitos, adquiridos a partir do momento que nascem.

As autoras Paschoal e Machado (2009), trazem no primeiro momento, as marcas do processo de criação e expansão dessas primeiras instituições na Europa e Estados Unidos, procurando, assim mostrar que tanto as creches como as escolas maternais tiveram uma preocupação com as questões pedagógicas e, não somente, com os cuidados das crianças. No entanto, é na sociedade contemporânea que a criança passa a frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre suas culturas mediante diferentes interações com seus pares. Isso se deu a partir dos séculos XIX e XX, quando a infância começa a adquirir um espaço fundamental e de importância, tanto para a família como para a sociedade, pensando, assim, nesses seres com uma idade mínima, mas que necessitavam de lugar, tempo e cuidados diversificados. Tudo isso foi se delineando para uma evolução no que hoje reconhecemos como infância.

Paschoal e Machado (2009) traçam a trajetória da Educação Infantil no Brasil, ressaltando que apesar de grandes avanços na tecnologia e nas contribuições das ciências, bem como o avanço significativo da legislação brasileira, ainda assim, a realidade dessa época demonstrava uma grande desarmonia, entre o que era apresentado na lei e o cotidiano de muitas escolas infantis. As autoras trazem, num primeiro momento, as marcas do processo de criação e expansão dessas primeiras instituições na Europa e Estados Unidos, procurando, assim, mostrar que tanto as

creches como as escolas maternas tiveram uma preocupação com as questões pedagógicas e não somente com os cuidados da criança.

Ao longo do século XIX, na Europa acontecia uma transição do feudalismo para o capitalismo, com isso a produção que era doméstica, passa a ser fabril, o que antes era feito por humanos agora seria realizado por máquinas, provocando com isso toda uma reorganização da sociedade. Isso causou um grande impacto, pois a classe operária agora teria que se submeter ao regime das máquinas, dentro das fábricas, tirando, assim, as mulheres que antes trabalhavam em casa para o mercado de trabalho. Nessa época, as crianças poderiam ir com suas mães para as fábricas, porém com o trabalho precário, as crianças foram dispensadas. Com isso, surge a preocupação das mães: Como trabalhariam fora de casa? E as crianças ficariam com quem?

Então, com todas essas alterações provocadas pela indústria moderna, a estrutura social vigente, também é modificada, bem como seus costumes e hábitos familiares, surgem as mães “mercenárias”, que não trabalhavam nas fábricas e passaram a vender os seus serviços cuidando dos filhos das operárias de fábricas. Contudo, isso, não deu muito certo, à medida que a oferta de cuidar dessas crianças foram aumentando, conseqüentemente, aumentaram também, os riscos das crianças, de sofrerem maus tratos, já que as mães, sem opções, teriam que deixar seus filhos aos cuidados de pessoas inexperientes em um pequeno espaço, onde se reuniam uma quantidade significativa de crianças.

Do ponto de vista histórico, infelizmente, essas crianças não possuíam um grande papel na sociedade. Com esse quadro caótico o que sobrava para as crianças eram pancadarias e castigos. A família era muito pobre e sua única preocupação era em sobreviver. Em nome dessa sobrevivência, a sociedade via esses maus tratos e os desprezos dessas crianças como regras e costumes. Então, nesse momento, algumas pessoas, vendo esse quadro de “mazela” contra a infância decidiram por meio filantrópico, acolher algumas crianças desvalidas que se encontravam nas ruas da cidade.

Na Europa, com a transição do feudalismo para o capitalismo, em que houve a passagem do modo de produção doméstico para o sistema fabril, e, conseqüentemente, a substituição das ferramentas pelas máquinas e a substituição da força humana pela força motriz, provocando toda uma reorganização da sociedade. O enorme impacto causado pela revolução industrial fez com que toda classe operária se submetesse ao regime da fábrica

e das máquinas. Desse modo, essa revolução possibilitou a entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, alterando a forma da família cuidar e educar seus filhos (PASCHOAL; MACHADO 2009, p. 79).

Ao longo do tempo nesse mesmo século, a educação infantil passou por muitos desenvolvimentos, evoluindo de diferentes formas, como instituições que eram destinadas a primeira infância, no qual eram formadas por creches e jardim de infância, bem como outras modalidades educacionais e sendo influenciadas, por diferentes educadores ou professores. Essas instituições por algum período de tempo, serviram de modelos, para diferentes países, um desses foi o Brasil.

Com isso desmistificou o discurso de que as primeiras instituições infantis tiveram apenas uma função assistencialista, diferenciando-se assim de outro estabelecimento, como os jardins de infância, nos quais já na sua criação, apresentavam um trabalho voltado não só para os cuidados infantis, mas para um trabalho eminentemente pedagógico. Um dos percussores, nessa época, de uma pedagogia diferenciada foi Froebel. O mesmo tinha uma preocupação de não apenas educar e cuidar da criança, mas de que através de sua prática a estrutura familiar também fosse transformada, para que as mesmas pudessem cuidar melhor de seus filhos.

Os estudos que atribuem aos Jardins de Infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a eu a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais e o Jardim de Infância foi uma delas, assim como as creches e escolas maternas. (KUHLMANN JUNIOR, 2001, Apud. PASCHOAL; MACHADO, 2009, P. 81).

No Brasil, o contexto educacional infantil buscou superar vários desafios que eram estabelecidos pela sociedade europeia, destacando toda linha histórica trilhada pela educação infantil até uma visão atual. Pode-se dizer que umas das primeiras instituições criadas no Brasil, voltada aos cuidados infantis foi a “Roda dos Expostos”. De acordo com Paschoal e Machado (2009, p. 82), este era um dispositivo redondo, onde se colocavam os bebês recém-nascidos de mães solteiras. Esse objeto tinha uma forma cilíndrica, ao meio uma divisória, ao qual eram colocadas na janela da instituição,

ou na casa de misericórdia. Então, quando as crianças nasciam daquelas mães solteiras, eram colocados nessa roda pela mesma ou pelos familiares, então girava-se a roda e puxavam uma corda que avisava a rodeira de que um bebê acabava de ser deixado, preservando, a identidade de quem foi colocá-lo naquele lugar.

Ao final do século XIX, segundo Paschoal e Machado (2009), o país estava passando por um grande acontecimento, que era a abolição dos escravos, e consequentemente, o Brasil recebeu um número significativo de imigrantes vindo de outros países, e era também o início da República.

Nesse período houve isoladas iniciativas em proteger à infância. O intuito dessa proteção era no sentido de combater a mortalidade infantil, porque mesmo com o trabalho desenvolvido nas casas de misericórdia, elas por si só não davam conta de tanta criança. Foi então que um número significativo de creches foi criado não pelo poder público, mas por organizações filantrópicas. Essas instituições passavam a atender as necessidades das mães que precisavam de creches para deixar seus filhos para trabalhar.

A maioria dessas creches eram voltadas para um público pobre. Os empresários donos de fábrica visando essa necessidade, passaram a construir creches, dentro das fábricas ou próximas a elas, para que as mães tivessem onde deixar seus filhos e, assim, as mesmas não deixariam de trabalhar. E em troca de seus serviços, os donos de fábrica proporcionavam alimento e um local para seus filhos, assim as operárias produziam mais. Foi nesse contexto histórico que as primeiras creches e pré-escolas surgiram, antes filantrópicas ou mantidas pelos usuários e, e só mais tarde se tornaram públicas. Segundo Kuhlmann Jr (2000),

De lá até meados da década de 1970, as instituições de educação infantil viveram um lento processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional. A legislação trabalhista, que desde 1932 previa creches nos estabelecimentos em que trabalhassem 30 ou mais mulheres, foi como letra morta. Embora as creches e pré-escolas para os pobres tenham ficado alocadas à parte dos órgãos educacionais as suas inter-relações se impuseram pela própria natureza das instituições. No estado de São Paulo, desde de dezembro de 1920, a legislação previa a instalação de Escolas Maternais, com a finalidade de prestar cuidados aos filhos de operários, preferencialmente junto as fabricas que oferecessem local e alimento para as crianças (KUHLMANN Jr. 2000 p. 8).

Contudo, essas instituições tinham um cunho apenas assistencialista, uma forma de “varrer o problema para debaixo do tapete”. Dessa forma, se acreditava que os problemas em relação a essas crianças estavam solucionados. Não podemos deixar de ressaltar aqui, que essas pequenas conquistas também foram fruto dos movimentos feministas, que tiveram um papel especial na revisão do significado das instituições de atendimento a criança. As feministas defendiam que tanto as creches como as pré-escolas deveriam atender a todas as mulheres, independentemente de suas necessidades de trabalho ou condições econômicas.

Devido as pressões que se seguiam e, com o passar do tempo, várias mudanças foram surgindo, para um futuro progresso. É após a década de 1980, que foi se fortalecendo a Educação na Constituição, e então a legislação no Brasil foi ganhando forças.

Verifica-se que, até meados do final dos anos setenta, pouco se fez em termos de legislação que garantisse a oferta desse nível de ensino. Já na década de oitenta, diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento. Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, (PASCHOLA E MACHADO. 85).

De acordo com Paschoal e Machado (2009, p. 85), dois anos após a aprovação da Constituição Federal de 1988, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90, que ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, inseriu as crianças no mundo dos direitos humanos.

Na quarta última parte dos anos 1900, a educação infantil brasileira vive intensas transformações. E durante o regime militar, que tantos prejuízos trouxe para a sociedade e para a educação brasileira, que se inicia esta nova fase, que terá seus marcos de consolidação nas definições da Constituição de 1998 e na tardia Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. A legislação nacional passa a reconhecer que as creches e pré-escolas, para crianças de 0 a 6 anos, são parte do sistema educacional, primeira etapa da educação básica. (KUHLMANN Jr. 2000, p. 14)

Dessa forma, com a Carta Constitucional de 1988, foi reconhecido e garantido o direito da criança a educação, definiu também que, as crianças de 0 a 3 anos seriam atendidas em creches e as pré-escolas atenderiam as crianças de 4 a 6 anos de idade.

Aos poucos, a nomenclatura deixa de considerar a escola maternal como se fosse aquela dos pobres, em oposição ao jardim-de-infância, passando a defini-la como a instituição que atenderia a faixa etária dos 2 aos 4 anos, enquanto o jardim o jardim seria para as de 5 a 6 anos. Mais tarde, essa especialização etária ira se incorporar aos nomes das turmas em instituições com crianças de 0 a 6 anos (berçário, maternal, jardim, pré). (KUHLMANN, Jr. 2000, p. 9).

Além da Carta Constitucional de 1988, o direito a educação infantil é assegurado em outras leis nacionais, como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996) e no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº8.069/1990).

A Constituição de 1988, foi um grande passo para educação infantil, atribuindo ao Estado o dever de, por meios dos municípios, garantir a educação infantil, bem como o acesso para todas as crianças de 0 a 6 anos a creches e pré-escolas. Agora a educação infantil passou de apenas caridade para ser representada legalmente, ainda que por obrigação.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art.206. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino; IV – Atendimento em creches e pré-escola as crianças de 0 a 6 anos de idade. (Brasil,1988,Lei constitucional)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) define a Educação Infantil, em 1996, a mesma regulariza o sistema educacional público ou privado.

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesse artigo a LDB define em oito parágrafos o princípio base para a educação.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV – respeito a liberdade e apreço a tolerância;

- V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII – valorização do profissional da educação escolar
- VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

A Lei de Diretrizes e Bases da educação, reforçando mais uma vez o dever do estado em propiciar uma educação gratuita.

Art. 4º O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17(dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) Pré-escola;
- b) Ensino fundamental;
- c) Ensino médio

II – educação infantil gratuita as crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (BRASIL, LDB ,1996, Redação dada pela lei nº 12.796, de 2013)

Não podemos deixar de ressaltar aqui, que a diferença entre as idades máximas de permanência da criança na educação infantil que foi acordado na LDB e na Constituição é fruto de uma mudança que se deu recentemente, pela Emenda Constitucional nº 53/2006, que mudou o limite para cinco anos de idade. Então ficou estabelecido alguns critérios que estão em seu art. 1º, é tratado a antecipação e obrigatoriedade da matrícula no Ensino Fundamental de nove anos e a Educação Infantil, a primeira etapa da Educação Básica, atende crianças até cinco anos de idade. Enquanto que o Ensino Fundamental atende as crianças de seis até quatorze anos de idade.

Após dois anos da aprovação da LDB (1996), o Ministério da Educação estruturou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI/1998), que passou a servir como um guia educacional para os educadores, para que o mesmo pudesse buscar transformações, inovando assim seus planejamentos diários, mediante seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas.

A organização do Referencial possui caráter instrumental e didático, devendo os professores ter consciência, em sua prática educativa, que a construção de conhecimento se processa de maneira integrada e global e que há inter-relações entre os diferentes eixos sugeridos a serem trabalhados com as crianças. Nessa perspectiva, o Referencial é um guia de orientação que deverá servir de base para discussões entre profissionais de um mesmo sistema de ensino ou no interior da instituição, na elaboração de projetos educativos singulares e diversos. Este volume pretende contribuir para o planejamento,

desenvolvimento e avaliação de práticas educativas que considerem a pluralidade e diversidade étnica, religiosa, de gênero, social e cultural das crianças brasileiras (BRASIL, RCNEI, 1998)

Tendo como base o RCNEI (1998), é através das observações e convívio diário com as crianças, bem como da realidade e das informações que elas trazem que, é possível aos educadores buscar uma construção, para uma realização de planejamento pedagógico eficaz que possam trazer uma significativa mudança nas creches e pré-escolas.

Para alcançar as metas propostas em seu projeto pedagógico, a instituição de Educação Infantil organiza seu currículo. Este, nas DCNEIs, é entendido como “as práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio as relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças”. O currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano da instituição, (OLIVEIRA, 2010 p. 04).

Nessa perspectiva, as instituições devem oferecer as crianças um ambiente, onde as mesmas possam desenvolver com os adultos uma socialização, que possam ter um reconhecimento entre ambos, no qual possam brincar, expressar emoções, sentimentos, desejos e necessidades. Nesse sentido, é muito importante o desenvolvimento saudável da criança.

As maneiras de andar, correr, arremessar, saltar resultam das interações sociais e da relação dos homens com o meio; são movimentos cujo significado tem sido construído em função das diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas presentes nas diferentes culturas[...]. Ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridos, (RCNEI, 1998, p. 15).

Devemos ressaltar aqui, que a educação infantil ainda enfrenta grandes desafios, tanto na formação de professores, quanto na estrutura das instituições, na qual essas crianças passam a maioria de seu tempo. Podemos perceber também que houve muitos avanços, mas também muitos retrocessos. As políticas voltadas para educação infantil estão muito aquém do que poderíamos chamar de avanço, pois há uma grande dissociação do que está na Lei e do que realmente é cumprido, e do que se percebe no âmbito da instituição.

O cotidiano dessas unidades, como contextos de vivência, aprendizagem e desenvolvimento, requer a organização de diversos aspectos: os tempos realização das atividades (ocasião, frequência, duração), os espaços em que essas atividades transcorrem(o que inclui a estruturação dos espaços internos, externos, de modo a favorecer as interações infantis na exploração que fazem do mundo)[...](organizando o ambiente, ouvindo as crianças, respondendo-lhes de determinada maneira[...], promovendo condições para a ocorrência de valiosas interações e brincadeiras criadas etc.) [...] (OLIVEIRA, 2010 p. 4-5)

No entanto, devemos enfatizar a priorização das interações das próprias crianças, não só com seus pares, mas também com o mundo ao seu redor, para que assim gere novas experiências com relação ao seu mundo, tanto interior quanto exterior.

De acordo com Oliveira (2002), tanto Wallon como Vygotsky, consideravam o desenvolvimento humano como duas histórias, uma que envolve as condições dos sujeitos, e a outra que são representadas pelas consecutivas situações nas quais eles se envolveram e nas quais eles respondem.

Ainda na mesma linha pensamento, só é possível as atividades das crianças, graças aos recursos oferecidos para as mesmas, isso tanto vale para o material instrumental, quanto através das interações de linguagem que são utilizados ao seu redor, ou seja essa mediação tem que ser oferecidas, por outras pessoas. Isso é fundamental para uma construção de pensamento e da consciência entre si.

3. A IMPORTANCIA DA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM O EDUCADOR NO AMBITO DE UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste presente capítulo, abordarei a importância da interação da criança com o educador no âmbito da instituição. Fundamentarei em alguns teóricos, que defendem essa prática na Educação Infantil, bem como sua importância.

Esse texto não pretende atingir uma grande dimensão em relação ao tema, o objetivo é pesquisar e discutir um pouco de como essa relação criança/professor dentro das instituições públicas.

Baseado em Aranha (1993), irei fazer uma breve retrospectiva de leitura que norteou a busca de conhecimento sobre o fenômeno da interação, e de como surgiu o interesse de alguns pesquisadores em pesquisar como se dava na realidade a interação dos sujeitos. Será uma análise restrita uma vez que tiveram algumas limitações de quantidades de trabalho, e algumas dificuldades de acesso, bem como limitações de tempo, esses fatores se apresentam como empecilho para o avanço da pesquisa, já que os materiais eram bons, porém irrestritos e produzidos em determinados períodos cronológicos.

Surge no século XX, o interesse pelas questões das relações sociais e interpessoais, sobre o desenvolvimento humano, e suas interações, que tinham ocupados diferentes espaços, conforme as funções a ela imputadas por diferentes abordagens.

Entre 1830 e 1930, pode-se constatar uma produção muito rica e variada de idéias, cujos eixos comuns eram: 1. A pressuposição de que as experiências de grupo se encontram entre os mais importantes determinantes da natureza humana e 2. A de que os fenômenos sociais são passíveis de investigação científica (ARANHA, 1993, p. 19).

Apesar de excelentes ideias que foram expostas, eram apenas de caráter especulativo, não tendo assim uma favorável construção de bases empíricas consistentes, a coleta de dados não sistematizadas, e quando eram analisadas, eram a partir de parâmetros atualmente exigidos para investigação científica. Na década de 30, houve um grande debate a respeito de se validar um estudo de grupo social, o objetivo desse grupo era para que os profissionais de psicologia social, como da psicanálise pudessem discutir conceitos no qual os mesmos tinham produzidos. Foi nessa época que se iniciou o desenvolvimento de técnicas de observação do comportamento de

indivíduos em grupo. No entanto, na segunda Guerra Mundial os estudos sobre a interação social foi praticamente extinta da literatura, e só veio a retornar após seu término.

Na década de 60, houve poucas pesquisas feitas de relações interpessoais, foi na década de 70 que, inesperadamente, se fez um grande estudo da interação, tanto para a quantidade de trabalhos publicados, quanto para as propostas teóricas acerca de natureza e função, sendo oferecidas, assim, novas direções que estimulavam e provocavam a pesquisa. Cabe frisar, que nesse mesmo período, a produção científica, começa a dar mais ênfase na sua pesquisa no contexto familiar e escolar, apontando a urgência e a necessidade de olhar a interação como um processo. Porém, vem as críticas em relação aos estudos das famílias, fazendo assim com que os investigadores desviassem sua atenção da “inquietação” com resultados da interação, para um esforço em traçar o processo interativo propriamente dito.

Tais esforços levam esses pesquisadores a buscar mais informações a respeito da qualidade da interação que as famílias tinham com membros da família, e isso se estendeu também para as escolas, o objetivo eram saber qual influência o professor exercia sobre o aluno. Então, os estudiosos da época passaram a mudar de estudos simples e atomísticos que eram influenciados apenas pelo professor, para um processo mais complexo, interacionais e sistêmicos. Segundo Aranha (1993), na década de 70, foram desenvolvidos estudos reproduzidos, no quais incluíram os bebês, que desde então eram tidos como uma população ignorada, desenvolvendo assim, novas técnicas em registros de observação e síntese de dados, para identificar mudanças comportamentais ocorridas, como consequência da interação com outras crianças.

Alguns professores ainda não se deram conta de como sua relação com a criança dentro da instituição é importante, que mais do que atuar dentro de sala apenas com conteúdo, é preciso um comprometimento frequente do educador na sua metodologia. Entretanto, no que se pode perceber, são professores condicionados a apenas apropriar-se de conteúdos e passá-los as crianças.

É preciso que essa realidade mude na educação infantil, para que exista uma nova relação entre professores e crianças. Contudo, para que isso aconteça é indispensável aos educadores, entender que a tarefa docente também tem um papel social e político impermutável, e para que os mesmos possam entender o seu

verdadeiro significado é necessário que os mesmos assumam uma postura crítica em relação a sua atuação.

Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. [...] uma linguagem que permite as crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, [...] as maneiras de andar, correr, saltar e arremessar resultam das interações sociais e da relação dos homens com o meio (BRASIL, 1998, p.15).

Segundo Nunes e Silveira (2009), a teoria de Vygotsky compreende que o desenvolvimento do sujeito. Ao início da vida, se dá em virtude de um processo de apropriação, realizados através de seus significados culturais ao qual rodeiam, o que o faz ascender a uma situação extremamente humana, de linguagem, consciência e atividade, transformando assim de um ser biológico em sócio histórico.

Então, uma criança por meio de atividade em processo de interação, com o ambiente social, terá uma transformação, e uma evolução, acontecendo um sucessivo domínio dos significados culturais. A medida que a criança vai interagindo com as pessoas, no contexto em que está inserida, os mesmos vão se apropriando dos significados culturais de palavras e objetos, gestos, sentimentos etc. É importante então, sabermos que a passagem do desenvolvimento da criança de uma forma menos complexa para uma mais complexa não se dá mecanicamente. Contudo, a primeira forma de interação de uma criança se dá efetivamente marcada por uso de instrumentos dos quais o meio dispõe. Para Vygotsky, a linguagem de signo e a interação social são elementos indispensáveis na formação da consciência humana.

Dessa forma, Vygotsky coloca que o processo de formação das estruturas psicológicas, mostram que a atividade intelectual do sujeito não é realizada mecanicamente e nem tão pouco por repetições impostas ao outro e, sim, por mediações que são construídas através de situações de interações. O professor que atua nessa linha seu pensamento não será jamais como um mero transmissor de conhecimentos, mas, de mediador, no qual será capaz de articular entre as experiências dos alunos e o mundo no qual eles vivem.

Para tanto, é muito importante, que, não só o educador, mas também, a instituição na qual a criança está inserida, esteja organizada nessa prática, e ter a consciência que essa criança está em constante processo de transformação e construção e que, a partir das interações, serão capazes de agir e intervir no mundo.

Ao imaginarmos uma instituição de ensino que se baseia no processo de interação, estamos pensando em um espaço de valorização e respeito onde os sujeitos se valorizam se respeitam e se mobilizam a pensarem em conjunto.

Isto nos coloca diante de uma incontestável verdade: se o que entendemos é que as condições da vida, e em particular de nossa vida profissional, estão a exigir mudanças, se o que queremos é promover transformações, o que necessitamos, portanto, é reexaminar o nosso jeito de pensar, que é o que altera o nosso jeito de fazer, os quais, ao se modificarem, podemos provocar mudanças (ARANHA, 2003, v. 1, p. 17-39).

De acordo com Aranha (2003), partimos do pressuposto que, a ação do professor, no que compete ao planejamento, bem como sua atuação permanente em sala de aula, é fator determinante para o mesmo pensar a vida, pela sua visão de mundo, e a leitura que o faz da sociedade, da educação, do ensino apenas pelo papel e de suas atribuições como professor, e ao mesmo tempo como cidadão e profissional da área de educação, e o seu compromisso com a criança, da relação professor-criança.

Trabalhando com estudo da interação e do desenvolvimento de relações sociais há algum tempo, sentimos necessidade de, olhando retrospectivamente, analisar as leituras que tem norteado a busca de conhecimento acerca desse fenômeno. Parece-nos importante a localização, a identificação e a análise das tendências teóricas e dos procedimentos metodológicos que tem caracterizado essa investigação, na tentativa de iniciar um processo de sistematização do conhecimento já produzido, bem como de detectar direções para pesquisas futuras (ARANHA, 1993, p.19).

Segundo Barbosa (2010), é de suma importância valorizar as relações interpessoais, na convivência das crianças com os adultos, pois é através dessas relações sociais que são oferecidos elementos para a construção da sociabilidade e da constituição subjetiva de cada criança. Esse papel é importante na educação infantil, principalmente, no que se refere às crianças pequenas, pois é nessa faixa etária que a interação entre as pessoas tem uma maior expressividade para uma construção da identidade pessoal e coletiva da criança. A autora aponta ainda que as diretrizes e bases da Educação Infantil, apresentam um espaço educacional as escolas, bem como essa instituição tem o importante papel de compartilhar, de forma indissociável, a educação e o cuidado das crianças pequenas com suas famílias.

Os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas, para compreendê-los é preciso estar com eles, observar, “escutar suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhando. Continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular. A profissão de professora na creche não é, como muitos acreditam, apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige bem mais que competência teórica, metodológica e relacional (BARBOSA, 2010, p. 06).

Baseado no artigo de Silva, Garbin e Nascimento (2011), uma pessoa quando idealiza ser um educador, deve primeiramente saber que somente após a sua formação, o mesmo adquiriu todo o conhecimento teórico, como também a iniciação da prática propriamente dita é que o professor dará conta, de como seu papel e sua postura em sala de aula são importantes e cruciais para uma prática inovadora, e que possa contribuir para a aprendizagem de suas crianças. É preciso que o mesmo esteja sempre em constante reflexão, se sua prática está dando certo, se tem alguns pontos que se deve mudar. Esse pensamento sempre levará ao professor, para uma prática de sucesso.

Até a década de 60 as instituições escolares acreditavam que a rigidez no trato era essencial para as crianças aprendessem. Esse modelo de escola conservadora e retrograda não deveria ter espaço na sociedade do século XXI, mas infelizmente, há escolas que se vestem de modernidade, mas em sua prática explicitam uma educação rígida, (SILVA, GARBIN. NASCIEMNTTO, P. 12839, 2011).

Convém ressaltar que Freire (2007), afirma que o educador tem que ter a curiosidade, para lhe mover, lhe inquietar, porém, exercer essa curiosidade de forma correta, e que temos o direito a curiosidade, e através da mesma podemos conhecer melhor o objeto a qual nos propomos a estudar. Nesse sentido, o bom educador é aquele que enquanto fala traz a criança à intimidade do movimento de seu pensamento, assim sua aula será desafiadora e suas crianças não ficarão fadigadas só acompanhando suas idas e vindas de seus pensamentos.

Dessa forma, a interação e o envolvimento entre o professor e as crianças deve ser refletido na relação das partes. No entanto, constata-se que a interação não está sendo mencionada apenas por teóricos, mas ela está presente também nas Diretrizes e Bases para Educação Infantil:

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, regulada através da Resolução nº 05/2009, define a criança como centro do planejamento, bem como a importância da interação, para sua prática e vivência, conforme se extrai de seu art. 4º:

Art. 4º - As propostas pedagógicas da educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, DCNEI, Resolução nº 5/2009).

Ainda sobre as, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), o documento define em seu art.8, a proposta pedagógica para as instituições de Educação Infantil:

Art. 8º- A proposta pedagógica das Instituições de educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processo de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito a proteção, a saúde, a liberdade, a confiança, ao respeito, a dignidade, a brincadeiras, a convivência e a interação com outras crianças (BRASIL, DCNEI,2009).

Sobre os art. 9º e parágrafos que se segue no documento DCNEI, o mesmo reforça que a interação deve ser um eixo norteador para o currículo da Educação Infantil, garantido por brincadeiras e experiências das crianças.

III – Possibilitem as crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gênero textuais orais e escritos

IX – Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (BRASIL, DCNEI,2009).

Baseado no texto de Aranha (1993), devemos sempre partir do pressuposto, de que as relações cotidianas, que muitas vezes nós enxergamos como triviais, podem ter um efeito significativo no desenvolvimento do indivíduo, bem como sua caracterização. Ressalta ainda que

Como a criança se desenvolve em um contexto social, são as interações e as relações com as pessoas e sistemas sociais que tem um papel crucial para suas aquisições e para a construção de funções psicológicas cada vez mais sofisticada; para examinar, portanto, o desenvolvimento social da criança, deve-se estudar o que acontece entre pessoas, e não somente o que acontece

com os outros indivíduos, tomados como unidades isoladas; (ARANHA, 1993, p.24).

Dessa forma, averiguamos que a interação é muito importante para a transformação da vida social e pessoal do indivíduo. Em seu livro, Aranha (1993), faz menção a alguns estudiosos que na década de 70, já abordavam como linha de investigação as interações, porém os mais conhecidos, entre os que começaram essa abordagem, é Vygotsky, o qual defendia que o desenvolvimento humano está em contínuo processo de transformação. Ele acreditava, também, que a interação é fundamental no processo de construção do indivíduo. Sendo assim, o educador deve sempre procurar ouvir e entender as crianças, para que assim se possa construir novas ações e propostas que estejam vinculadas de forma direta com o que colhemos interpretamos sendo como interesse da criança.

Assim contrapor histórias de vida, [...] apoia-nos no desafio de estruturarmos nosso convívio, fazendo com que, cada um se sinta parte importante, integrantes do grupo, tendo em vista que é justamente na heterogeneidade dos conhecimentos (cognitivos, culturais, sensíveis etc.) postos por todos e nas interações resultantes deles que o movimento de via do grupo deve se basear e se estabelecer. (SANTOS e LEONOR, 2002, p. 207)

Nesse sentido quando pensamos em interação, nos vem à cabeça apenas as interações que se dão uma relação recíproca com duas ou mais coisas, e a duas ou mais pessoas. No entanto na educação infantil, sobre o ponto de vista das crianças, é possível mostrar que ocorre interações entre crianças/professores; as crianças entre si; as crianças e brinquedos; com o ambiente, as instituições e as famílias. Essas interações são essenciais para dar riquezas nas relações, propiciando um elo, favorecendo a segurança e o desenvolvimento coletivo.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho se desenvolveu através de uma pesquisa de campo, em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), localizado no município de João Pessoa. Observando as experiências e ao mesmo tempo relacionando com os teóricos estudados no decorrer da pesquisa, no qual serviu de base para confrontar teoria e prática, citarei aqui alguns autores consultados, que se demonstraram significativos para a realização do estudo: Jaqueline Delgado Paschoal, Maria Cristina Gomes Machado, Moysés Kuhlmann Junior, Maria Carmem Silveira Barbosa, Zilma Ramos de Oliveira e José Pereira da Graça Aranha.

Na análise da evolução das ciências, Chizzotti (2011, p. 19) assevera que,

A ciência e as pesquisas cresceram e se desenvolveram a partir de um processo de busca metódica das explicações causais dos fatos ou da compreensão exaustiva da realidade, utilizando-se de informações colhidas por meio de observação atentas ou outros recursos adequados de se coligir os dados singulares que fundamentassem afirmações mais amplas.

O intuito dessa pesquisa não é só reconhecer a criança como sujeito do processo educacional, mas também como principal usuário do ambiente educacional. Para isso, é necessário não só identificar os parâmetros essenciais de um ambiente físico que ofereça condições não apenas de estrutura físicas, não que isso também não seja de suma importância para o desenvolvimento das mesmas, porém esta estrutura física deve vir em conjunto com uma relação harmoniosa de qualidade entre os educadores e crianças dessa instituição infantil, já que é nesse espaço que a criança passa a maior parte de seu tempo.

A cultura de pares permite as crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A convivência com os seus pares, através da realização de atividades e rotinas, permite-lhes exorcizar medos, representar fantasias e cenas do cotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas. Esta partilha de tempos, ações, representações e emoções é necessário para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento. (SARMENTO, 2000, p.14)

Por sua vez, entendo que esse tema poderá contribuir para que, os futuros pedagogos reflitam sobre quais relações terão com as crianças no âmbito da Instituição da Educação Infantil.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar a análise dos dados da pesquisa, realizada em um CREI de João Pessoa. Nessa pesquisa, buscarei relacionar o que foi observado na instituição com os teóricos. Porém, antes, apresentaremos a caracterização da instituição, em seguida a análise da observação.

5.1. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada no período de 17 de setembro de 2017 a 21 de outubro de 2017.

No primeiro momento, a ideia era apenas observar, dentro da sala da instituição, as interações entre a criança e o educador do Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), bem como construir um Diário de campo, através das observações, e colher algumas falas dos educadores através das conversas informais.

No entanto, devido ao pequeno número de educadores e outros profissionais em sala, bem como pela grande quantidade de crianças dentro de um ambiente pequeno, não pude deixar de me envolver e dar um pouco de minha contribuição, e para que elas não sentissem tanto o desconforto da sala, passei a interagir com eles através de conversas e brincadeiras, nas quais a educadora sempre distribuía massinhas e brinquedos de encaixes.

5.2. CARACETIZAÇÃO E HISTÓRIA DO CREI

O CREI fica localizado na zona sul de um bairro em João Pessoa, sendo uma instituição pública municipal, que visa proporcionar a Educação Infantil do Maternal a Pré-escola, atendendo crianças de 06 meses a 3 anos e 11 meses de idade, a instituição prioriza a comunidade do bairro e adjacentes.

Com relação ao histórico do CREI, tomei como referência as informações existentes no seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

O CREI foi inaugurado em 28 de outubro no ano de 1988, e atendia até o ano de 2013 crianças de 6 meses e 5 anos e 11 meses, quando reduziu a faixa etária das crianças atendidas, passando a contar com 139 crianças a partir dos 06 meses de idade até os 3 anos e 11 meses de idade, a instituição tem esse nome em homenagem à professora Pombalense que dedicou sua vida as crianças carentes.

A instituição conta com os seguintes ambientes para o desenvolvimento do seu trabalho:

QUADRO I
Ambientes do CREI

ESPAÇO	QUANTIDADE
Recepção	01
Salas de aula	04
Berçário	02
Almoxarifado	01
Banheiro Infantil	02
Refeitório	01
Dispensa	01
Brinquedoteca	01
Banheiro de Funcionários	03
Lactário	01
Cozinha	01

FONTE: Dados da pesquisa de campo, 2017.

O CREI atende uma comunidade de situação econômica caracterizada, predominantemente, pela baixa faixa de renda e pela baixa instrução escolar, sendo em sua maioria mães como chefes de família. Estas famílias atendidas pela instituição têm em sua maioria, como renda mensal abaixo de um salário mínimo, porém existem outras famílias que recebem até dois salários mínimos. Os níveis de escolaridade também variam, tendo alguns com formação de nível fundamental incompleto, ensino médio e superior.

A instituição possui um grande pátio onde as crianças brincam, contendo brinquedos de plásticos como, escorregador, e uma casinha também do mesmo material.

O CREI, primando por uma educação de qualidade procurou algumas parcerias, com outros órgãos públicos e privados que estivessem dispostos a oferecerem seus serviços a instituição, a exemplo do Programa de Saúde da Família (PSF) que oferece o serviço de atendimento odontológico, onde profissional dessa área visita o CREI periodicamente, realizando aplicações de flúor e escovação para as crianças; incentivando o cuidado bucal dos pequenos. O Programa de Saúde da Família (PSF) também realiza contações de histórias mensais para o CREI.

A instituição tem outra parceria não menos importante com o Conselho Tutelar do bairro de Mangabeira, que funciona da seguinte forma: O CREI leva as notificações de algum caso que esteja a par sobre as famílias das crianças, e o conselho tutelar, de acordo com as necessidades, faz o acompanhamento com essas famílias.

5.3. FUNÇÕES SOCIAIS DO CREI

Com as mudanças decorrentes de um mundo globalizado, bem como as extraordinárias realizações no campo científico e tecnológico, onde ocorre um quadro de vários desafios, nos vemos encaixados em um novo modelo de sociedade, onde a todo momento vivenciamos crises de valores e ideologias políticas, sociais e culturais.

Uma das funções sociais do Projeto Político e Pedagógico da instituição é:

Construir uma proposta pedagógica para as crianças atendidas no CREI implica em conhecimento prévio da realidade em que estão inseridas e do meio social em que vivem. A CREI é um dos ambientes de desenvolvimento da criança, talvez o mais significativo. No entanto, ela não pode ser entendida como instituição substituta da família, mas como ambiente socializador diferente do familiar. Nela se dá o cuidado e a educação de crianças pequenas que aí vivem, convivem, exploram e conhecem, construindo uma visão de mundo e de si mesmas como sujeitos de direitos. (PPP, 2006 p. 10)

Assim, a equipe do CREI, busca facilitar o desenvolvimento integral do ser humano, nas suas diversas competências em seus primeiros anos de vida, que se nomeou a primeira infância, é nesse momento que começa o trabalho de toda uma

equipe, percebendo primeiramente que é necessário apoiar e incentivar as habilidades e os valores inerentes a criança pequena, respeitando assim a individualidade de cada uma.

A CREI, de uma maneira geral, hoje é conhecida como parte inseparável da sociedade. Busca o conhecimento do mundo, construindo-o e compartilhando ideias. Funciona como parceira da família, na contextualização do mundo exterior. Participa da construção do pensamento harmonioso. Procura garantir o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente, quanto ao desenvolvimento saudável do físico, da mente, dos aspectos moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (PPP, 2009 p. 15)

Então o Projeto Político e Pedagógico (PPP, 2017), estar afirmando, que seus saberes estão integrados com os saberes já existente das crianças, assim há um estímulo, que são produzidos e recriados no ato de brincar, que acontece espontaneamente e/ou dirigido, sendo a atividade primordial da criança no CREI, pois é através da brincadeira que a criança reinventa o mundo.

O Projeto Político e Pedagógico (PPP, 2017, p.16), do CREI, incentiva a formação continuada de seus profissionais, afirmando que:

A formação continuada é um direito de todos os profissionais que trabalham na CREI, uma vez que ela possibilita a qualificação e a competência dos profissionais, e também propicia fundamentalmente o desenvolvimento profissional dos professores articulado com as CREIS e seus projetos. O reforço à valorização dos profissionais de educação, garantindo-lhe o direito ao aperfeiçoamento profissional permanente, significa valorizar a "experiência e o conhecimento que os professores têm a partir de sua prática pedagógica". (VEIGA e CARVALHO, 1994, pág. 51).

O Projeto Político Pedagógico é uma ação, pensada intencionalmente para que assim possua um compromisso coletivo, no qual reflete nas ações e escolhas de caminhos e de prioridades na formação do cidadão, transformando-o em um membro ativo e transformador da sociedade em que vive.

O planejamento é algo de extrema importância para uma instituição pedagógica ele servi como um fio condutor para a pratica diária do professor, isso estar bem presente no PPP, do CREI.

O ato de planejar é inerente à existência humana, está relacionado com a possibilidade de transformação. O planejamento pedagógico é fundamental para operacionalização dos objetivos de ensino, no sentido de alcançar as finalidades educativas. Planejar significa, a partir da realidade do educando,

pensar em ações pedagógicas possíveis de serem realizadas no intuito de possibilitar um movimento de “ação-reflexão-ação”, na busca constante de um processo ensino aprendizagem produtivo. Este é o caminho indispensável e necessidade primordial, que precisa ser assumida como compromisso de todas as educadoras, (PPP, 2017, p.28)

O objetivo do planejamento é conhecer a criança, observar e categorizar suas necessidades, e partir dessa constatação, pensar em um planejamento palpável que inclua as vivências e o conhecimento científico, bem como discutir com as professoras problemas diários da rotina da sala de aula, buscando soluções através do processo coletivo.

5.3.1. Atividades do cotidiano das crianças do CREI

Alimentação adequada às diferentes faixas etárias e às necessidades das crianças – uma alimentação rica e variada, com acompanhamento da nutricionista do setor de alimentação da PMJP;

Cuidados com a Higiene bucal, corporal, a saúde;

Hora do repouso;

Atividades lúdicas – desenvolver a capacidade de descobrir, produzir e criar;

Uso do computador com jogos, brincadeiras, desenhos, construção de pequenos textos, desenvolvendo as habilidades das crianças, explorando o seu potencial criador;

Brinquedos e brincadeiras – Desenvolver atividades de forma lúdica e prazerosa. Nessa atividade, a criança aprende através da brincadeira, como forma de expressão de sentimentos, emoções e socialização.

Atividades livres – Nesse momento, a criança vai usar o seu imaginário, através da interação com seus pares, promovendo a aprendizagem individual e social.

Hora do conto – despertar o gosto pela leitura, o prazer de ler, desenvolvendo o imaginário.

Passeios – complemento de atividades pedagógicas ou culminância de um projeto que proporcionam outras aprendizagens, novas experiências.

5.3.2. Quadro de funcionários

O CREI conta com uma equipe de 40 funcionários, distribuídos conforme quadro abaixo:

QUADRO II
Funcionários do CREI

FUNÇÃO	QUANTIDADE
Auxiliares de Serviço	03
Berçaristas	10
Cozinheiras	02
Gestora	01
Especialista	01
Lavadeiras	03
Lactaristas	02
Monitoras de sala	04
Monitora de Informática	01
Professores	08
Secretaria	01
Vigilante	04

FONTE: Dados da pesquisa (fonte primária)

5.3.3. Número de crianças por turma e outros dados que identificam a unidade escolar

QUADRO III
Crianças por turma e faixa etária

TURMAS	FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE CRIANÇAS
Berçário I e II	06 meses a 01 ano/01 a 01 ano e 11meses	60
Maternal I	02 anos a 02 anos e 11 meses	31

Maternal II - A	03 anos a 03 anos e 11 meses	25
Maternal II - B	03 anos a 03 anos e 11 meses	23
Total		139

FONTE: Dados da pesquisa (fonte primária)

Abaixo segue as fotos do berçário e das salas do maternal. Pela estrutura física que aparece nas fotos, percebemos que se trata de um CREI antigo, esse não estar com uma nova arquitetura.

Foto 1 – Porta da sala do maternal



Foto 2 - Porta das salas Berçário I e II



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

Foto 3 - Interior da Sala do Berçário.



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017

5.4. PERFIL DA EQUIPE PEDAGÓGICA

Analizando o PPP do CREI, observei o perfil da equipe pedagógica do mesmo, identifiquei que de 08 (oito) professoras, 07 (sete) são graduadas, sendo 05 (cinco) em Pedagogia, 01 (um) doutorando em educação física, 01 (um) graduado em história e uma professora possui apenas o magistério.

De acordo com o vínculo empregatício, apenas o professor de Educação Física é efetivo. Tendo ainda uma gestora graduada em Pedagogia com Pós-graduação em supervisão escolar.

5.4.1. Análise das visitas

Apresentarei aqui as observações que fiz no período das visitas ao CREI, Custódia Nóbrega, localizado na zona sul da capital de João Pessoa, foram seis visitas, e seis observações em salas diferentes. O objetivo dessas observações foi analisar como é a interação entre professores e crianças no âmbito da instituição.

Foram observados o relacionamento em sala de seis professoras, cinco monitoras, para com as crianças. Em relação as professoras vou nomeá-las como: professoras A, B, C, D, E, e F. As monitoras como, 1, 2, 3, 4, e 5. O intuito foi observar como as interações se davam em sala com os professores e monitores em relação as crianças da instituição. As visitas foram feitas no período vespertino.

No primeiro, dia, a gestora me recepcionou, foi mostrar as salas e as demais dependências do CREI. A mesma foi muito solícita, mostrando como funcionava cada espaço da instituição, fiquei surpresa em encontrar uma gestora tão prestativa, pois minha experiência anterior não tinha sido das melhores. Contei com a colaboração de todo corpo docente do CREI.

Fala da diretora em uma conversa informal:

DIRETORA: Sejam bem-vindas, essa instituição está pronta para receber os estagiários, ela é nossa e estamos aqui apenas com um propósito melhorar a Educação Infantil. Faço o que posso e que não posso também, por isso toda ajuda é bem-vinda, se é para contribuir e somar fiquem à vontade, um dia também fui estagiária e gostei de ter sido bem acolhida. (Diário de Campo, 27/10/2017).

Por sua vez, essas palavras da gestora, me remetem ao texto de Ostetto (2007), quando o mesmo afirma que, quanto maior é o compromisso da instituição com o estágio, mais a experiência é positiva, quando a instituição recebe bem o estagiário o convívio do dia-a-dia fica bem mais fácil, desde a direção até as crianças, o mesmo afirma que seria uma grande confusão, se não houvesse uma concordância entre profissionais sobre a presença dos estagiários. É nesse momento, que o diálogo é importante, estar sempre disposto a ouvir o outro e até mesmo de negociar alguns pontos de vista, tanto do lado dos estagiários, quando do lado dos profissionais da instituição.

Na minha segunda visita ao CREI, fui conduzida para a sala da professora A, que leciona na Tuma do maternal II B, mas nesse dia, a professora havia faltado, sendo substituída pela monitora 1. Percebi que monitora 1 não ficou muito confortável com a minha presença, peguei uma cadeira, fiquei no cantinho da sala. Logo as crianças vieram ao meu encontro, interagiram comigo perguntando quem eu era, o que eu estava fazendo, conversei com elas e expliquei o que eu estava fazendo ali. Contudo a monitora1 estava tão agitada, trocando as crianças para conduzi-las para o refeitório as 15:30, qual foi a minha surpresa, que, de repente em meio as minhas instruções com as crianças, a monitora 1 jogou em meus pés todas as mochilas dos meninos, como não sabia o nome, fui mostrando as bolsas para cada um e eles me diziam de quem era eu chamava a criança e ia trocando a roupa; em meio às trocas, a monitora faz o seguinte relato:

MONITORA 1: Mulher tu trocas os meninos e eu troco as meninas, tu cuidado com esses meninos não deixe eles chegarem muito perto do seu brinco não principalmente porque quando você menos esperar eles puxam o seu brinco, você está vendo como são esses meninos, não param um minuto, essa sala é pequena e muito calorenta. (Enquanto eu trocava outra criança ela olhou para mim e disse), você está sentindo o cheiro desse menino? Ele fede assim mesmo não adianta dar banho porque esse já é o cheiro dele. (Diário de campo 04/10/2017).

Após o momento acima citado, a diretora passa em sala e orienta para que as crianças sejam conduzidas para o pátio, pois durante toda aquela semana seria comemorado o dia das crianças e cada dia iria ter uma brincadeira no pátio. Nesse momento, ajudei a monitora¹ a levar as crianças; chegando lá a professora C, de outra sala, tinha colocado umas cadeiras para fazer a brincadeira, “a dança das cadeiras”. Alguns ficaram sentados outros foram brincar. Nesse dia, observei que houve interação nas brincadeiras, tanto com criança/criança quanto criança/professor. No entanto, foi por alguns minutos. Logo, a brincadeira acabou e eles foram conduzidos de volta para as salas. Percebi também, nesse dia, que a interação da monitora 1 com as crianças não era a que eu esperava; ela era muito dura e rígida com as crianças, a todo momento pegando-as pelo braço e colocando para sentar em sua cadeira, isso me remeteu ao velho assistencialismo no qual em séculos passados as crianças iam para as creches apenas para serem cuidadas, e como um regime de militarismo, onde as mesmas têm que ficar sentadas o tempo todo esperando os pais chegarem.

Ostetto (2007) referencia muito bem, que nos anos 90, houve alguns questionamentos da qualidade do atendimento das crianças em creches e pré-escolas da Educação Infantil. A preocupação era se tinha qualidade nos serviços que eram prestados a essas crianças e se seu direito no âmbito da instituição estava assumindo as novas feições e incorporando concepções novas de criança, de desenvolvimento infantil, bem como as atividades, de tempo, de espaço e se seu “duplo objetivo” estava sendo colocado em prática como: educar e cuidar.

Cumprir tais objetivos significa organizar e encaminhar um trabalho no cotidiano de creches e pré-escolas que respeite a criança, compreendida como sujeito, na sua positividade. Mais do que simples retórica, o respeito à criança ganha conectividade na medida em que, nas práticas efetivadas no interior da instituição de educação infantil, estejam previstos: brincadeiras; atenção individual; ambiente aconchegante, seguro e estimulante [...], movimentos em espaços amplos; proteção afeto e amizade; expressão de sentimentos; especial atenção durante o período de adaptação; [...]; os aspectos aqui relacionados são indicados como critérios de qualidade para a organização e o funcionamento de creches e estão detalhados no documento publicado pelo MEC, em 1995: [...] (OSTETTO, 2007, p. 16-17)

Sendo assim, entendo que o profissional para atuar na área da educação infantil, seja ele educador ou monitor, deveria ser uma pessoa qualificada e que entendesse que a criança não está ali apenas para ser cuidada, o educar/cuidar tem

que estar associado, bem como a interação deve estar presente, porém não tão repressora como foi no caso dessa monitora 1. Sei que pessoas agem de formas diferentes, devido as suas histórias de vida, suas circunstâncias, possibilidades e limites. No entanto, cada um em suas atitudes reflete a sua verdadeira intenção. Será que essa monitora, trabalhando no CREI porque gosta ou por uma necessidade de ter um salário no fim do mês? A realidade, no meu ponto de vista é apenas por causa do salário que lhe é pago. Essa monitora apresenta em torno de cinquenta anos, já está cansada. Na minha observação, percebi que a mesma está muito agitada, sem paciência com os pequenos e sem perceber, ela estar passando isso para eles.

Então eu faço outro questionamento, a culpa dessa interação tão agressiva é somente dela? Em parte, sim, visto que observando seu tratamento para com as crianças, ela não passa por nenhuma formação/capacitação de como ela poderia lidar com essas crianças. Em contrapartida, o sistema do CREI está sendo falho, se uma professora falta em sala de aula teria que ter outra pessoa para ajudar, compreendendo que não é fácil lidar com 23 crianças em uma sala de pequeno porte com climatização inadequada, com apenas dois ventiladores de teto. Porém, em situações de emergência tem que ter um plano B, para que essas crianças não sejam vítimas do mau funcionamento da instituição.

Assim sendo, as crianças precisam interagir dentro do espaço da sala, o mesmo não pode estar sentado e olhando um para o outro sem se expressar ou interagir seja brincando, brigando, ou fazendo perguntas a toda hora é assim que se dá seu desenvolvimento.

Na terceira observação na turma do maternal A II, ao chegar à sala quem estava com as crianças era a monitora 2, enquanto a professora B tomava um café. Fui recepcionada pelas crianças que assim que sentei vieram interagir comigo. Uma das crianças dizia que na casa dela iria ter bolo de aniversário, logo as outras, escutando, vieram dizendo que na casa delas também irá ter bolo. Então sentei todas perto de mim e fui fazendo pergunta de quem era o aniversário. Foi uma agitação só, porque umas diziam que era mentira, a criança que disse haver um bolo em sua casa lhe esperando dizia que não era, e a monitora do outro lado rindo muito com a situação veio ao meu encontro. A monitora 2, em uma conversa disse:

MONITORA 2: É assim mesmo você é novata, para eles é novidade, eles se agitam e querem vim conversar todo de uma só vez, só tem que te cuidado porque como a sala é pequena para eles não se machucarem correndo assim, para mim é muito gratificante trabalhar com eles, apesar de ter muito trabalho, mas quando eles nos escolhem fico muito feliz. Sim eles nos escolhem sabia? Não somos nós que o escolhemos não. (Diário de Campo, 09/10/2017)

Conversando e observando a monitora 2, percebe-se que a mesma gosta muito do que faz, pelo carinho com que ela trata as crianças, sempre respondendo os questionamentos das crianças, dando atenção a cada uma delas, interagindo em todo momento, através de seu carinho, da sua atenção e até mesmo nos momentos em que ela coloca cada criança em seu colo uma por vez.

Em seguida a essa conversa com a Monitora2, a professora chega à sala de aula, me apresento, e a mesma justifica o atraso por estar tomando café. No prosseguimento das atividades da turma, tem início à hora do banho, que de início observo, depois me ofereço para ajudar, sempre percebendo o receio das educadoras com minha presença.

Percebi nesse momento do banho uma grande interação que as crianças tinham com seus pares e com sua professora B, e monitora 2. Eles conversavam, diziam essa bolsa é de fulano, o outro dizia *“tia deixe que eu sei calçar minha sandália”*, ajudavam um ao outro a se vestirem, alguns aceitavam a ajuda e outros diziam que não precisava, pois eles sabiam fazer.

Ao término das trocas de roupa, a professora revisou com eles uma atividade aplicada pela manhã, foi a atividade do barquinho, na qual eles tinham que colocar o peixinho no barquinho, essa atividade está relacionada a uma música infantil, (Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar) Aos poucos fui conquistando a professora e ela foi explicando o que tinha feito com eles de atividades pela manhã naquele dia, ela explicou que tinha construído um barco, depois pegou alguns peixinhos que tinham impressos e recortou; em seguida, pediu para cada uma das crianças colarem no barquinho e a toda hora ela pedia para que os pequenos ficassem sentados, porém eles só ficavam quietos quando ela falou que só iria para educação física quem estivesse sentado na cadeira. Passando alguns minutos o professor de Educação Física chegou à sala para levar de seis em seis para o pátio realizar algumas atividades com as crianças, eles ficaram muito feliz, pedi a professora de sala licença para acompanhar os pequenos, perguntei ao professor se poderia ele disse que sim. Então fui com ele; chegando ao pátio eles montou dois colchões um

do lado e um do outro, passou uma corda no meio, e como um jogo de vôlei eles iam passando a bola para o outro por cima do barbante, e foi muito interessante de observar porque eles interagiam muito bem com o professor, e como com seus pares também, esperavam sua vez.

Segue abaixo umas fotos desse momento de interação com o professor de educação física:

Figura 4 – Aula de Educação Física



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

Ao contrário do que observei no maternal B II, no maternal A II, a educadora procurava interagir com as crianças, juntamente com a monitora e o professor de educação física, os mesmos interagiam não de forma opressora, mas com o intuito de desenvolver na criança suas capacidades de aprender junto com outro.

Como afirma Oliveira (2002), as crianças através de reflexo e movimentos impulsivos, elas passam a exteriorizar um estado de satisfação ou insatisfação que são inerentes as transformações e através de recursos expressivos, ou seja, tudo isso só foi possível, com a ajuda de pessoas que delas cuidam, essas pessoas por sua vez suscitaram na criança determinadas atitudes, e emoções que provocaram certas disposições específicas em suas sensibilidades, no qual resultou de reações

sensoriais e motoras, que permitiu as crianças explorarem o ambiente que as rodeiam.

Em sua interação com o outro, a criança passa por um processo constante, em que eles passam a se identificar com o outro, por meios de imitações. Ao imitar, a criança interioriza o modelo, pela qual foi construído a partir de uma imagem que ele mesmo mentalizou e reproduziu em suas ações. E isso aparece com clareza, quando os pequenos brincam de faz-de-conta. Isso fica claro em Oliveira quando afirma que,

Os conflitos surgidos de suas interações com outras pessoas possibilitam a criança formas representações coletivas que ampliam seu acesso ao meio simbólico e cultural que a rodeia. [...]. Ao disputar um papel com um companheiro, por exemplo, ao pretender ser a mãe em uma brincadeira, um menino pode ouvir que mãe é uma mulher e ele, que homem, não pode ser mãe. A relação eu/outro passa a ser mais diferenciada e a criança começa a reagir mais facilmente não apenas a impressões presentes, mas a lembranças e imagens, (OLIVEIRA, 2002, p.131-132).

De acordo com que observei nesse dia, percebe-se um professor, que estava ali para fazer a diferença com as crianças, o momento de maior interação desse dia não tenho dúvidas, que foi com o professor de educação física, percebia-se que ele estava ali não apenas para brincar com os pequenos, mas para ensinar através das brincadeiras.

Cheguei para a minha quarta visita no CREI. Neste dia, realizei a observação novamente no maternal B II, com a professora A. Neste dia, as atividades se realizaram no pátio em virtude da realização da contação de história pelo pessoal do PSF, encaminhando as crianças para o local, onde se acomodaram em colchonetes.

A primeira história a ser contada foi de uma leoa e de uma vaca, " a leoa estava dando de mamar para seu filhote e a vaca estava oferecendo o seu leite dizendo que era melhor, porém o pai do filhote o leão disse que não, pois era mais saudável para o filhote o leite de sua mãe". Não ficou muito claro que intuito pedagógico eles queriam com essa história, no meu ver, as crianças são muito pequenas para entender sobre amamentação. Mas, ainda assim, eles interagiam ao todo tempo gritando, chamando o leão, a leoa, alguns não paravam no lugar, ficavam correndo querendo invadir o espaço da história, o que eu achei normal, pois

na minha concepção a história não estava muito boa, ela não prendia minha atenção nem sequer dos pequenos.

Figura 5 – Contação de História



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

Já na segunda história, foi contada pelos estudantes de nutrição de uma faculdade particular de João Pessoa. Eles fizeram cartazes uns com alimentação saudável e outros com a alimentação que não são saudáveis, desenvolvendo uma conversa contando que a pessoa que come as comidas que estavam no cartaz de não-saudável eram propensos a algumas doenças e foram explicando cada uma delas. Mostraram uma pessoa gorda, depois explicaram o bem que fazia as comidas do cartaz com comidas saudáveis. A prática demonstrou ser mais adequada, tendo em vista prender mais atenção das crianças e provocar a sua interação.

Figura 6 - História contada pelos estudantes de nutrição.



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

Figura 7 – Saúde bucal



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

Após a explicação, eles foram interagindo com as crianças através de perguntas para eles responderem, como por exemplo: Devemos comer o que está

no cartaz não saudável? E o que está no cartaz saudável, pode comer? Eles mostravam-se muito felizes com a interação nas respostas as perguntas. Este foi, portanto, o momento que mais teve interação com as crianças, pois essa segunda equipe trouxe uma história em que eles puderam interagir, porque entenderam o que lhes era ensinado.

Enquanto a história estava sendo contada, observei que a professora A, ficou acompanhando a história de longe, enquanto que, as outras educadoras estavam lá, com sua sala sentada interagindo, junto com as crianças. Ao final da contação de história, todos retornaram às suas salas: ajudei a monitora 1 a colocar todos em sala, agora, era hora de tomar banho para, em seguida, irem jantar. Foram primeiro as meninas depois os meninos, fiquei na sala com a professora A, e ajudei a trocar as crianças que iam chegando do banho, quando todos estavam prontos já era hora do jantar.

Conduzi as crianças junto com a professora A, e a monitora 1, para o refeitório, todos ficaram sentados, enquanto que a gente leva os pratos para mesa. Nessa hora, a interação entre eles é intensa porque tem uns que são “bons de boca”, comem tudo e outros, não. Então eles começam a pedir a comida do outro, a comunicação da monitora 1 com eles como sempre, é agressiva podendo-se assisti-la gritando, e pegando as crianças com força para voltar ao seu assento.

Nesse dia, a maior interação que teve no CREI com as crianças da sala que observei foi no momento da contação de história.

Dessa forma, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, afirma em seu vol.2 que:

A maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. O modo como os traços particulares de cada criança é recebido pelo professor, e pelo grupo em que se insere tem um grande impacto na formação de sua personalidade e de sua autoestima, já que sua identidade está em construção. [...] (BRASIL, 1998, p. 13)

Ainda de acordo com o RCNEI, (1998), é nas interações sociais que os laços afetivos são ampliados, e estabelecidos entres crianças/crianças, e adultos e crianças, isso contribuirá para um reconhecimento do outro e a comprovação das diferenças entre as pessoas, para que as mesmas se sintam valorizadas e beneficiadas para o enriquecimento de si próprias.

Na minha quinta visita ao CREI, a turma observada foi o maternal I. Ao entrar na sala me apresentei tanto para a professora C e monitora 3, bem como para as crianças. Quando eu cheguei à professora estava trabalhando com eles o assunto da família, eles estavam encantados, interagindo o tempo todo com a professora que fazia muitas perguntas para eles como, por exemplo:

DIÁLOGO PROFESSORA C E CRIANÇA 1: quem é sua família? A criança ia respondendo, meu pai, minha mãe, minha irmã e eu, assim a educadora ia a cada mesinha e perguntava a mesma coisa, eles interagiam um com o outro e junto com a professora, teve uma hora que uma criança olhou para a educadora e disse: Tia agora diga quem é sua família, nesse momento todas as crianças falaram, é tia diga sua família, a professora sorri e diz, está certo vou falar quem é minha família, e assim ela foi dizendo a ele e todos ficavam escutando, sentados, enquanto essa interação ia acontecendo, do outro lado a monitora 3 já ia chamando as meninas para arrumar os cabelos, pois já estava chegando o momento deles irem jantar. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/10/2017). Destaco esse momento de maior interação.

Após o momento acima citado, a professora C, colocou um vídeo do desenho da Peppa, que fala sobre família. Porém o problema é que esse vídeo é passado em um tablet muito pequeno, e ficava muito ruim para eles verem. A professora falou que esse recurso já foi ela quem trouxe de casa e que ela faz o que pode, para passar algo diferente para as crianças. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/10/2017)

No que eu pude observar, essa sala tem um diferencial que é a professora, ela não deixa de aplicar suas atividades pedagógicas por falta de recursos, é totalmente comprometida com a educação dos pequenos, e não separa o ato de educar do ato de cuidar.

De acordo com Perrenoud, (2002), um professor que domina muito bem os conteúdos, tem muita facilidade em ter acesso as teorias, e assim ampliar sua criatividade didática, bem como ter mais capacidade de improviso. O mesmo afirma que nunca é inútil saber mais, isso não significa que iremos ensinar tudo o que sabemos, mas para se ter uma margem, e poder dominar o que se vai fazer em sala de aula, é importante o educador passar segurança em sala.

Conforme Oliveira (2002), a interação, é uma ação partilhada, uma via de mão dupla. Ou seja, ela é influenciada através das características de ambos os parceiros.

Sendo ação partilhada, a interação é influenciada por características de ambos os parceiros. A contribuição da criança evidentemente dependerá de

seu nível de desenvolvimento, o qual, por sua vez, vai influenciar a resposta da mãe ou daquele que dela cuida. Este, em suas relações com a criança, empreende uma diligência ativa para integrá-la a forma de ação já construída em sua cultura: cria situações em que lhe apresenta normas para agir e se relacionar com os outros. [...] (OLIVEIRA, 2002, P. 137-138)

Dessa forma, o professor deve ser sempre o facilitador, só assim ira surgir novas descobertas, que serão realizadas pelo os pequenos, de forma que o mesmo seja sempre estimulado e incentivado, e ao mesmo tempo oportunizando, situações que permita o seu desenvolvimento.

No sexto e último dia de observação no CREI, fui para o Berçário I. No primeiro momento as monitoras, em número de sete, tomavam conta dos bebês tendo em vista as professoras estarem em formação. A capacidade de cada berçário é de ter matriculados até 30 bebês, no entanto observei da listagem um bebê a mais matriculado, embora neste dia houvesse apenas dezessete presentes. Ao entrar no berçário todo mundo tem que tirar as sandálias ou sapato deixar fora na porta, dentro do berçário tem um enorme tatame emborrachado onde alguns bebês ficam sentados com as monitoras e outros ficam andando brincando entre si, têm outros como o novato que tinha entrado naquele dia ficava no berço.

Figura 8 - momento de interação da monitora com os bebês



FONTE: Acervo da pesquisadora, 2017.

Percebi que as monitoras ficaram um pouco apreensivas quando cheguei, mas logo elas se soltaram, foram perguntando de qual instituição que eu estudava que estava ali para observar, pois estava concluindo meu curso. Perguntei se poderia sentar junto com elas no tatame elas disseram que sim, houveram alguns bebês que estranharam pois nunca tinham nos vistos. Porém comecei a brincar com eles peguei alguns dados que estavam por lá e fui interagindo com eles logo quem estava chorando foi se calando e vindo também para a brincadeira.

Em seguida eles foram tomar banho, as outras monitoras iam levando para o banheiro que ficava dentro do berçário, ajudei a colocar as fraldas descartáveis, pois eram muitas crianças para apenas quatro monitoras,

Perguntei a monitora se tinha educador no berçário, ela respondeu que sim, e que a mesma se encontrava no Berçário II. Os dois berçários são interligados o que separa um do outro é uma tábua de madeira que, foi colocada para os bebês não passarem de um lado para o outro, nesse momento tive curiosidade de ir até o outro berçário dar uma olhada, então pedi licença e fui observar a professora D, do outro lado, ela estava fazendo uma atividade, onde tinha um círculo em que as crianças teriam que entrar e sair de dentro dele. Contudo a educadora não pode terminar a brincadeira, ela levantou deu um pulo e veio ao berçário I, onde eu estava deixando o berçário II com as monitoras.

Fala da professora para mim quando teve que deixar o outro berçário e não terminou a atividade, indagou o curso referente ao estágio e fez o seguinte relato:

PROFESSORA D: Está vendo minha filha é assim, o prefeito economizando funcionário, é só uma professora aqui para os dois berçários, aí não posso deixar as meninas aqui sozinhas fico me virando de um lado para outro não dá tempo nem terminar uma atividade pedagógica com o outro lado porque tenho que vir ajudar aqui também, aí meu serviço fica assim pela metade nem faço do lado nem faço do outro. E outra são 30 alunos matriculados não tem mais vaga aí a direção coloca mais um achando pouco, meus diários estão todos atrasados, vou fazendo como posso. (DIÁRIO DE CAMPO, 24/10/2017)

A professora D, teve que deixar a atividade porque já estava na hora de dar a janta dos bebês e ela tinha que vir ajudar, pois os bebês não comem sozinhos, nessa hora eu também ajudei, como tem as cadeirinhas optei por colocar a criança que eu iria dar a comida na cadeirinha, porém a professora como as monitoras preferem dar no tapete emborrachado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da criança, para ocorrer de forma completa, precisa do relacionamento além da família, mas com a sociedade. A escola além de fornecer a educação, entendida esta pelos conhecimentos básicos que toda pessoa deve possuir, vem prover a o relacionamento interpessoal dessas crianças, possibilitando assim o seu desenvolvimento em sociedade.

Passa-se ao entendimento de que somente a relação aluno-aluno não seria suficiente para possibilitar esse desenvolvimento, vez que as atitudes do professor autoritário, que até pouco tempo atrás eram voltadas a repressão de qualquer comportamento das crianças viria a prejudicar o seu desenvolvimento, até mesmo provocar traumas, fazendo-se necessária ao desenvolvimento da relação aluno-professor, este visto como um facilitador do aprendizado e não como uma autoridade.

Estudos mostram a potencialização do aprendizado quando o professor desenvolve a interação com seus alunos, e esta pesquisa verificou estes fatos através da observação direta.

Verificou-se que a interação aluno-professor ainda é tímida, porém ela existe, muito embora apresente inúmeras barreiras ao seu desenvolvimento, em especial nas escolas públicas, onde falta infraestrutura à execução de um trabalho bem feito, bem como as necessárias e recorrentes capacitações destes profissionais que desempenham tão importante papel social.

Este tipo de interação ocorre principalmente no ambiente escolar, onde constatamos muitas dificuldades, de início falta de infraestrutura, em seguida tem-se a superlotação das salas de aula, tem-se ainda pequeno número de professores e colaboradores, e por consequência a sua desmotivação por serem impotentes diante de uma realidade tão dura.

Apesar de todas as citadas dificuldades nos deparamos com inúmeros projetos, parcerias e professores que utilizam da criatividade para repassar os conhecimentos de que as crianças precisam, atividades estas que se tivessem um ambiente favorável seriam potencializados os seus resultados.

Verificou-se no CREI Custódia Nóbrega todos estes pontos negativos e positivos e apesar do empenho de alguns funcionários para a mudança do quadro

questões estruturais dificultam a sua atuação, tendo muitas vezes que fazer dois ou mais papéis dentro da instituição.

A falta de interesse político em investir na educação prejudica o trabalho dos profissionais e o desenvolvimento das crianças que não recebem a educação adequada, na forma que prega a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, modelo copiado por inúmeros países, mas que não proporciona resultados satisfatórios em nosso próprio país.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. A Interação Social e o Desenvolvimento Humano. In: **Temas em Psicologia**. Nº 03, 1993. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n3/v1n3a04.pdf>> Acesso em 21/09/2017.

BARBOSA, Maria Carmem. **Especificidades da Ação Pedagógica com os Bebês**. In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento**. Belo Horizonte, Nov./2010.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Resolução Nº 5, de 17 de Dez/2009, Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasil: MEC/SEF, 1998.

_____, Presidência da República. Casa Civil Lei nº 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Senado federal, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf> Acesso em: 01/10/2017

_____, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura de Educação Infantil**. Brasil: MEC/SEB, 2006

KULHMANN JUNIOR. História da educação infantil brasileira. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 14, São Paulo, mai/ago 2000

NUNES, Ana Ignez B. Lima, SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Andando por Creches e Pré-escolas Públicas: Construindo uma Proposta de Estágio. In: **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 6ª Edição 2007.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A História da educação infantil no Brasil: avanços e retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. **Revista HISTERDBR On-line**. Campinas, n.º 33, p. 78-95, mar: 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Saber Refletir Sobre a própria pratica: Objetivo central da formação dos professores?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2000). As Culturas da Infância: nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho.

SILVA, Ligia Terezinha B. Dipp da, GARBIN, Aline Regina, NASCIMENTO, Nicileia Batista. **A Relação Professor Aluno em Sala de Aula**. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Curitiba Novembro, 2010
<<https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/04/rfelacao-prof-aluno.pdf0>>
Acesso em: 21/09/2017.

ANEXOS



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Curso de Pedagogia
Professora: Ana Luísa Nogueira de Amorim

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Prezado(a) Coordenador(a)

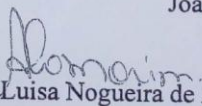
Apresentamos a esta Coordenação a estudante **Andrea Kaline Moreira Mendonça**, devidamente matriculada no curso de Pedagogia desta Universidade.

A referida estudante é concluinte e está desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A Interação Entre Professor e Criança na Educação Infantil", que tem como objetivo geral "Analisar a interação do professor e as crianças em um CREI do município de João Pessoa".

Para a realização do referido trabalho, elaboramos um Projeto de Pesquisa (anexo) a ser realizado em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) do município de João Pessoa/PB. Assim, solicitamos a autorização para a realização da referida pesquisa no CREI Custódia Nobrega.

Certa de contarmos com o apoio desta Secretaria de Educação, antecipadamente agradecemos a colaboração no sentido de autorizar a realização da pesquisa.

João Pessoa, 01 de agosto de 2017.


Profª Drª Ana Luísa Nogueira de Amorim
UFPB/CE/DHP
SIAPE 2241737





PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DE GESTÃO CURRICULAR - DGC

João Pessoa, 31 de agosto de 2017.

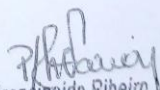
Senhor (a) Gestor (a),

Estamos autorizando **Andrea Kaline Moreira**, aluna da Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba a realizar as atividades de pesquisa para realização de trabalho de conclusão de curso (TCC), no CREI Custódia Nóbrega.

Certo de poder contar com a colaboração, agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,




Francineide Ribeiro V. Santos
Coordenadora de Educação Infantil
Mat. 59.834-8